



Líderes de Opinião como Símbolos de Identidades Culturais em Festejos do Tocantins¹

Verônica Dantas MENESES²
Universidade Federal do Tocantins

Resumo

Este ensaio analisa, à luz dos estudos folkcomunicação, a efetividade dos líderes de opinião nas figuras representativas de manifestações folclóricas em Tocantins. Tomamos como objeto os festejos do município de Monte do Carmo e do distrito de Príncipe, município de Natividade. As festas envolvem as figuras de imperador, imperatriz, rainha e capitão do mastro, congregando comemorações folclóricas, religiosas e profanas. Os personagens podem ser considerados líderes que no momento da festa simbolizam a perpetuação da tradição e a identidade da comunidade.

Palavras-chave: Folkcomunicação; festas populares; líderes de opinião. Monte do Carmo/TO; Natividade/TO.

Introdução

Desde Luiz Beltrão, as diversas manifestações folclóricas espalhadas pelo Brasil vêm sendo descobertas como objeto de estudo da comunicação, transformando em uma teoria consolidada. Isso significa que esses estudos não se limitam aos processos folclóricos e das culturas populares, mas aos procedimentos comunicacionais que transformam esse eventos em oportunidades de troca de informações e reafirmação de identidades e laços de pertencimento.

Em cada região do país e em cada objeto de estudo dispomos de características locais peculiares que identificam as formas de sociabilidade e de sobrevivência cultural desses grupos, bem como a preservação de traços históricos e referências aos valores compartilhados no presente. Este hibridismo está presente no Tocantins, por meio de algumas manifestações a exemplo dos festejos do município de Monte do Carmo e do São João do distrito de Príncipe.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar a existência e efetividade do líder de opinião nas duas festas, uma vez que Beltrão considera este um dos principais

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação pela UnB. Professora do curso de Comunicação Social da UFT, e-mail: veronica@uft.edu.br.



elementos constituidores do objeto folkcomunicação. Busca-se, principalmente, entender a participação das figuras representativas da festa como um líder capaz de atuar como elemento articulador da tradição, da identidade coletiva e da preservação das festas.

A escolha das festividades justifica-se pelo fato de serem eventos que expressam a identidade cultural da região e valorizam a prática da religiosidade popular, dando assim visibilidade e possibilidade de reconhecimento e respeito àquelas comunidades. As festas, sobretudo o São João de Príncipe, são eventos ainda pouco conhecidos pela população de Palmas e o desejo dessas comunidades é dar visibilidade às comemorações, estas dotadas de complexidades que envolvem sobrevivência, turismo, identidades culturais e religiosos.

Uma das formas tradicionais que ainda merecem ser investigadas são as figuras do imperador, imperatriz, capitão do mastro e rainha nas festas. Nesse ensaio, enfatizaremos caráter de líderes dessas figuras. Um estudo sobre a origem e difusão das mesmas deve ser ainda implementado.

Os líderes folkcomunicacionais na teoria de Luiz Beltrão

A primeira definição de Folkcomunicação, elaborada por Beltrão por ocasião de sua tese, explica que essa comunicação é caracterizada:

por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 1980, p.28).

Esta definição expõe a particularidade deste tipo de comunicação, que evidencia a tradição, o uso de elementos artesanais no processo e da comunicação interpessoal, com ênfase na participação dos chamados líderes de opinião.

O olhar do pesquisador para essas manifestações devem, nesse sentido, entender como ocorrem esses processos e não a dimensão tecnológica dos mesmos. O deslocamento até a comunidade para observá-la vem de acordo com o pensamento de Beltrão (2004, p. 57) que salienta a importância de se realizar essa observação junto à própria comunidade para conhecer e coletar subsídios capazes de fomentar um diálogo

com os habitantes: “Conhecer uma região é pré-requisito ao diálogo que se deseja manter com seus habitantes”.

Dessa forma, o autor também pontua a relevância dessa relação do observador com o grupo, este visto como objeto de estudo, para captar os fenômenos culturais, comunicacionais e históricos do lugar.

Não há melhor laboratório para observação do fenômeno comunicacional do que a região. Uma região é o palco em que, por excelência, se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, isto é, do processo humano de intercâmbio de idéias, informações e sentimentos, mediante a utilização de linguagens verbais e não-verbais e de canais naturais e artificiais empregados para a obtenção daquela soma de conhecimentos e experiências necessárias à promoção da convivência ordenada e do bem-estar coletivo (BELTRÃO, 2004, p. 57).

Nesse sentido, é possível perceber que cada comunidade e cada objeto processam de modos diferentes suas demandas e formas de comunicação. E isso ocorre por meio da percepção do contexto social presente em cada lugar pois, conforme o pensamento de Woodward, (2000) “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais”.

Para tanto, é preciso perceber os elementos que dão sentido a essa identidade se evidenciam pela diferenciação com o outro, como defende Woodward, (2000) ao pontuar que a diferença é o que caracteriza a formação da identidade de um povo:

Ao analisar como as identidades são construídas, sugeri que elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao “forasteiro” ou ao “outro”, isto é, relativamente a que não é. Essa construção aparece, mais comumente sob a forma de oposições binárias. (...) essa concepção de diferença é fundamental para se compreender o processo de construção cultural das identidades (WOODWARD, 2000).

Nesse contexto, a percepção das necessidades, valores, anseios e identidade do povoado de Príncipe e do município de Monte do Carmo foram captados pelo que foi visto como peculiar e pertencente aquele meio, com base nas declarações dos moradores e observações desenvolvidas. Essas conclusões foram adquiridas através do processo de comunicação, no qual, como salienta Beltrão (2004), advém de uma socialização de idéias, sentimentos e informações.

A participação reclama comunicação: se não ponho em comum as idéias, sentimentos e informações de que disponho e não recebo de volta a reação do outro, jamais estaborecerei um elo. (BELTRÃO, 2004, p. 62).

Os estudos sobre folkcomunicação passam a desvendar a necessidade de a academia e a sociedade em geral reconhecer os grupos que estão, conforme afirma Schmidt (2008, p. 01), nas bordas dos grandes processos comunicacionais, os grupos marginalizados que circulam nos meios de comunicação de massa.

Nos processos Folkcomunicacionais, os meios estão vinculados à prática cotidiana. Nesses mesmos processos estão inseridos os emissores e receptores, individuais ou coletivos, voltados a transmitir suas mensagens “em linguagem própria a sua audiência”, pois têm como objetivo comunicar-se “com um mundo” específico de vivências. Isso implica em fazer um recorte de estudo que permite abarcar os conteúdos comunicacionais, seja ele processo, agente, produto ou meio (SCHIMIDT, 2008, p.1).

Ao se estudar os processos da folkcomunicação o pesquisador se vê como cúmplice e parceiro do seu objeto de estudo. A abordagem teórico-metodológica sobre os festejos de Monte do Carmo, portanto, se dá de modo a identificar o lugar e a história dessas manifestações, suas transformações no decorrer do tempo e as motivações para sua permanência nos dias atuais.

Conforme Schmidt (2008, p.02) afirma, os processos da folkcomunicação não podem ser considerados como realidades independentes da vida econômica e social e nem meros reflexos desta. A folkcomunicação é a possibilidade de um diálogo entre agentes dos grupos populares (agentes folk), demais grupos sociais e mesmo o mercado, uma mediação de interesses.

Uma das características da cultura popular é a sua constante reelaboração. Nada nasce pronto ou já atingiu um objetivo, ao contrário, existem mudanças ocorrendo por todo o tempo. Ela desperta um lado motivacional muito grande nas comunidades, proporcionando assim, que em todo tempo ela esteja sendo remodelada. Assim, percebemos nos festejos ora apresentados uma formação de contextos turísticos, religiosos e populares que se conformam às necessidades presentes de cada comunidade. Um desses processos é a concepção dos líderes de opinião, que ampliam e complexificam-se como parte representativa de um grupo.

Luyten afirma que os líderes de opinião atuam não apenas como interpretantes de informações para seu grupo, mas também o próprio grupo a eles se dirige quando têm algo a comunicar. Essa observação mostra que a figura do líder tem mais efetividade do que a simples tarefa de intermediar informações.

Luyten também observa o caráter específico do líder de opinião, na medida em que a maioria tem maior credibilidade em determinadas áreas em detrimento de outras:



um líder pode ter mais credibilidade em assuntos de medicina caseira, outras em rezas, como as benzedeiras, e assim por diante.

Em suma, de acordo com Beltrão (2004, p. 65):

Julgamos que é nosso dever perscrutar os horizontes, recolher os dados, a fim de levarmos ao povo a nossa mensagem, ajudando-o a expressar a sua opinião e manifestar seus anseios de libertação material e espiritual.

Nesse sentido as manifestações ora apresentadas são mais do que um evento anual, são o espaço alternativo de trocas simbólicas e de visibilidade de comunidades marginalizadas; representam um momento em que comunicação é mais que produtos. Comunicação é um processo e um projeto de emancipação e formação de laços solidários.

São João de Príncipe

Uma chapada anuncia o lugar construído por sonhos, mas também pela subjugação do homem pelo homem em nome do poder e da riqueza. Com seus quase 300 anos de emancipação, a cidade mais antiga do Tocantins, Natividade, é patrimônio histórico nacional, título adquirido pelo centenário conjunto arquitetônico formado por ruínas, igrejas e casarões coloniais.

Natividade é mais. A 40 quilômetros da cidade histórica, Príncipe se mantém quase isolado. Cerca de 150 famílias compartilham o ritmo da lavoura e do cotidiano interiorano, fazendo do distrito nativitano o esteio de gente simples que acolhe com um café fresco os raros visitantes, visitantes que multiplicam a população local durante as festas de São João e o pouso da folia do Divino Espírito Santo.

Localizado a 230 km de Palmas e com uma população composta aproximadamente por cerca de 400 habitantes, o povoado de Príncipe está situado no município de Natividade, região sul do estado do Tocantins.

Segundo os moradores, a comunidade surgiu por intermédio do garimpo e pela aglomeração em torno da única escola existente no entorno do povoado. O povoado, nascido do garimpo e da escola, desenterra um Príncipe de Ouro que transforma o lugar na casa de mais de 400 pessoas, e, durante as festas, no lugar de todos!

A comunidade, como Natividade, é rica em crenças e dispõe de duas pequenas igrejas, uma evangélica e uma católica – que realiza missas esporádicas. Em Príncipe, duas festas solidarizam seus habitantes. Na Folia do Divino, braços acolhedores juntam-se ao fogão à lenha para dar pouso e comida aos foliões. O São João celebra a segurança de viver em comunidade, atentos para a certeza de que não vivem isolados.

O *Pouso da Folia* consiste na recepção da Comitiva de Foliões do Divino Espírito Santo por uma determinada família em sua residência que fornece farta comida e alojamento aos foliões. Já o Almoço dos Foliões, que acontece no dia seguinte, é proporcionado por outra família que finaliza a passagem da Comitiva pelo povoado, sempre envoltos em muita alegria e ritos religiosos.

A comunidade de Príncipe não dispõe de uma Associação de Moradores formalizada e sofre com inúmeras deficiências de caráter social. No povoado não há oferta de emprego e as mulheres se ocupam basicamente dos afazeres domésticos e da costura. Os homens trabalham na lavoura e faltam atividades para preencher o tempo das crianças e adolescentes da região. Os atendimentos de saúde são realizados apenas uma vez por semana. O fornecimento de energia elétrica também é deficiente, ocorrendo quedas constantes.

Atualmente a escola de ensino fundamental que atende ao povoado tem uma estrutura deficiente, sendo composta por duas salas de aula grandes e duas pequenas, uma cozinha e dois banheiros, com uma pequena área de recreação. Não dispõe de biblioteca, nem sala de vídeo, e, embora tenha recebido 12 computadores, as máquinas estão paradas, pois a escola não dispõe de espaço e nem pessoal qualificado para operá-las.

A festa de São João do distrito de Príncipe, município de Natividade, Tocantins, é realizada todo mês de junho, nos dias 23 e 24. Os preparativos iniciam-se no ano anterior, com a escolha dos representantes da festa: imperador, imperatriz, capitão do mastro e sua rainha. Mas é no mês de junho que a movimentação ganha força.

A comunidade já havia participado de outra celebração, o pouso da folia do Divino Espírito Santo que faz do povoado ponto de parada entre seus 40 dias de peregrinação pelo interior do Estado. As festas recebem toda a atenção da comunidade, que se mobiliza em torno dos preparativos. O resultado são mesas fartas de comida servidas aos participantes e à toda a comunidade. O São João recebe o maior número de visitantes, especialmente no dia 23 de junho, que lá se encontram para também

aproveitarem as festas profanas, com muita música e bailes que transformam o dia pacato do povoado em noites repletas de som e gente.

Preparação dos festejos em Príncipe/TO



Foto: Carla Schultes

O São João começa efetivamente no dia 23, com a realização da missa do capitão do mastro, seguida do tradicional jantar oferecido pela comunidade. O Capitão e a rainha também são referenciados em procissão pela rua principal até a Igreja, carregados em andor pela população. Nesta mesma noite, seguem-se as apresentações de quadrilhas e da sùssia.

A festa do imperador apresenta a mesma pompa. Realizada no dia 24, pela manhã, reúne fiéis que seguem em procissão até a festa, que também é regada por muita comida. O imperador de cada ano é também um fiel patrocinador da festa. Contudo, a importância da figura do imperador não é apenas econômica, mas sobretudo simbólica.

As figuras que representam a festa são escolhidas por sorteio, após demonstrarem o interesse em participar. Para a comunidade, é motivo de honra fazer parte da festa. Em geral, esses participantes podem não ter grande representatividade na comunidade, mas a partir do momento que são escolhidos, tornam-se símbolos da festa e da tradição, atuando como líderes que evidenciam os laços solidários e a identidade coletiva do povoado.

Em sermão durante a missa e festa do imperador, o pároco local evidencia a importância das figuras do imperador e da imperatriz como fundamentais para a manutenção da festa destacando a importância de os realizadores dos festejos inserir O São João de Príncipe no calendário cultural e religioso do Estado.

Movimentação comercial nos festejos de São João em Príncipe



Foto: Wanderson Gonçalves

Os festejos em Monte do Carmo

O município de Monte do Carmo, Tocantins, distante 97 km da capital, Palmas, teve início a partir do momento em que se encontraram minas de ouro em suas terras, na primeira metade do século XVIII. No ano de 1741 funda-se o Arraial de Nossa Senhora do Carmo e emancipado em 1963 de Porto Nacional/TO. A população de Monte do Carmo é uma mistura de etnias e classes sociais, pois, graças à exploração do ouro vieram para esta região um número muito grande de forasteiros entre eles: escravos, bandeirantes, fidalgos senhores portugueses, que se juntaram aos índios que já habitavam a região.

A festa de Monte do Carmo reúne três festejos distintos: Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora do Carmo, as quais acontecem no mesmo período e compõem calendário fixo no Tocantins, sempre na segunda semana do mês de Julho (MARÇAL et AL, 2011). Os festejos têm origem híbrida, marcada pela cultura africana, que chegou ao Brasil através dos escravos, mesclada com a devoção religiosa do português. Como afirma Silva (apud MESSIAS, 2010, p. 5):

A diversidade das manifestações culturais verificadas nesta localidade (festejos, Caçada da Rainha, dança das Taieiras, dança da Jiquitaia, congadas, Caretas, Catira, Sussa e Tambor), tudo isso é testemunha viva dessa riqueza. [...] Essas matrizes guardam simbologias e representações de um passado distante e podem ser interpretadas como [...] ligação entre herdeiros dessas tradições- os descendentes- e seus ancestrais.



Os festejos reúnem diversas manifestações religiosas e profanas transformando a cidade em uma verdadeira manifestação de fé e diversão. Mas não apenas isso, a festa do Carmo resiste graças ao empenho das famílias carmelitanas. Os preparativos duram cerca de um ano, uma vez que no último dia de festa já são escolhidos quem serão os festeiros do ano seguinte.

Os Festejos mobilizam a cidade que recebe festeiros de praticamente toda a região. Todo o processo é planejado e dividido entre diversos setores da comunidade o que comunica formas de permanência e resistência da tradição e de afirmação de laços comunitários na Região (MARÇAL et AL, 2011).

Os Festejos têm o seu ponto mais importante na segunda semana de julho, mas, o primeiro momento acontece no mês de abril. A saída das folias ocorre no domingo de Páscoa e a chegada trinta e um dias após. As folias são divididas em dois grupos: a folia de baixo e a folia de cima. Os foliões percorrem grandes distâncias, a cavalo, cortando fazendas entre Monte do Carmo e a cidade de Palmas, parando nas casas de fazendeiros para pousar e recolher donativos. Os foliões³ saem visitando as fazendas, onde são recebidos com festa.

Segundo a tradição, os doze foliões representam os doze apóstolos de Jesus Cristo. E é assim que a comunidade os vê. Para Alves (2009, p.71,apud MARÇAL et AL, 2011) os foliões são:

homens tementes a Deus. São altamente considerados pelas autoridades da comunidade. Os foliões, em estado de graça, tocam seus instrumentos, cantam, dançam na maior felicidade! Esses mesmos homens carregam nos ombros e nos corações a maior parte de nossa tradição e devoção, levando aos lares sertanejos a alegria e a congregação espiritual e tradicional.

A partir do dia 7 de julho tem início a novena em honra a padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo, com ladainhas, missas e leilões. Ao final da novena começa a festa do capitão do mastro, seguida do dia da chegada dos festeiros, 8 de julho, do Imperador e da Imperatriz, do Rei e da Rainha, do Capitão do Mastro do Divino e da imagem de Nossa Senhora do Rosário. Eles chegam em comitiva, alguns em carros de boi, outros a cavalo, seguidos pelas tropas de burros que trazem os mantimentos para a festa, como pede a tradição (MARÇAL et AL, 2011).

A festa para Nossa Senhora do Carmo é realizada no dia 16 de julho, na parte da manhã, e nesse mesmo dia acontece o giro da Folia das Mulheres. À noite segue a missa

³ Denominação dada aos homens que compõem a Folia.

de posse do Imperador seguida pelo cortejo até a casa da festa, onde recebe a todos com bolo, café e muita música típica embalada por tambores africanos e pela ginga das dançarinas.

No dia 17 pela manhã, durante a missa do Divino Espírito Santo, faz-se o sorteio da nova irmandade, ou seja, do novo Imperador, que organizarão a festa do próximo ano. Esse momento é esperado e logo comemorado com mais um cortejo em direção a casa da festa, com mais bolos e bebidas seguido da valsa do imperador e de um almoço farto a toda comunidade e visitantes, encerrando as obrigações do Imperador.

No período da tarde é realizada a caçada do Rei e da Rainha, conduzidos pelo toque dos tambores e acompanhados pelos caretas e pela multidão, dando início à festa de Nossa Senhora do Rosário. À noite, o Rei e a Rainha são coroados na missa, do mesmo modo que o Imperador.

Segundo moradores o ritual tem origem no período da escravidão. Mas, não existe nenhum registro que confirme data de início. Segundo Messias (MARÇAL ET AL, 2011), a caçada da rainha teve início quando:

Um homem negro, possivelmente escravo, encontrou na Serra de Monte do Carmo uma imagem da Nossa Senhora do Rosário e levou-a para a cidade. Entretanto, no dia seguinte a imagem desapareceu. Não conformado com inexplicável desaparecimento da imagem, retornou a serra a procura da mesma e, tendo reencontrado-a, a trouxe novamente para a cidade. O mistério do desaparecimento da imagem, que ocorreu pela segunda vez, levou um grupo de homens e mulheres a se organizarem e travarem uma verdadeira caçada à referida imagem. Este grupo de pessoas mobilizou a população, seguindo em cortejo, rumo a caçada da rainha. Para esse cortejo levaram a folia com os tambores, cantaram e dançaram intensamente e assim reencontraram a santa e em ritual levaram-na de volta a cidade (MESSIAS, 2010, p.10).

Após este reencontro com a santa, ela nunca mais desapareceu, portanto, a comunidade acredita que o ritual foi de suma importância para que a imagem permanecesse na cidade. Por isso todos os anos o ritual se repete.

A festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário tem início na tarde do dia 17 de julho, com a caçada da Rainha. Assim como o Imperador, o Rei e a Rainha possuem seu lugar para receber a comunidade, chamada também de Casa da Festa. E é neste local que a caçada da Rainha tem início. Este é um dos momentos mais esperados pela comunidade e visitantes.

O rei e a rainha seguem pela cidade em cortejo. A frente deles vão homens e mulheres bem vestidos, montados em cavalos ornamentados. Os festejos encerram-se no dia 18 de julho, com a missa e cortejo até a casa da festa da Rainha, onde acontece a

apresentação das taieiras e dos congos e o sorteio do Rei e Rainha do próximo ano. Do mesmo modo, são servidos o tradicional café com bolo e o almoço na casa dos anfitriões.

O cortejo da rainha é acompanhado em todo o trajeto por tambores africanos e uma multidão, que canta e dança. Por onde passa o cortejo chama atenção e as pessoas vão se juntando ao grupo. Ao chegar ao Botequim⁴ já se tem um número enorme de participantes. No botequim há apresentação de sussa, o rei e a rainha também dançam e são homenageados. Abre-se uma grande roda e os protagonistas servem bolo, licor e cachaça.

O giro da folia termina no Domingo de Pentecostes, em que as duas folias se encontram em frente à igreja da cidade de Monte do Carmo. Em seguida, acontece uma festa na casa do Imperador e, logo após, um representante dos foliões presta conta das doações recebidas ao Imperador.

Imperador e Imperatriz em Monte do Carmo



Foto: Daniela Marçal

Verifica-se que as figuras representativas das festas recebem tratamento especial pela comunidade. São envoltos por cortejos e fartura, o que simboliza o valor do ritual.

O Alferes da bandeira se faz presente em todos os momentos do Festejo do Divino Espírito Santo e é figura prestigiada uma vez que guarda o símbolo que representa o Divino. Em alguns momentos o Alferes oferece a bandeira para ser

⁴ Área centenária reservada à tradição da caçada. A localização do Botequim fica a 01 Km do centro da cidade para a região norte da mesma (ALVES, 2009, p.76).

contemplada pelos fiéis, há formação de grande fila, alguns beijam e passam por baixo da bandeira, outros chegam a se ajoelhar diante dela.

Para Wlisses Negre, os foliões são tratados tão bem que “os moradores dos itinerários disputam o privilégio de acomodar os foliões num pernoite, quando oferecem do bom e do melhor, na crença de que agradando a folia estão agradando o santo” ((MARÇAL et AL, 2011).

Considerações finais

As manifestações populares no Tocantins apresentam-se dotadas de bastante hibridismo e sincretismo, em que o popular, o religioso e o profano se misturam. Assim, articulam-se aspectos fortes da cultura popular, sincretismo religioso, demonstração de fé e espiritualidade junto com as manifestações de cunho popular e pagão que demonstram todo hibridismo de seus elementos históricos e tradições transmitidas entre as gerações.

A tradição envolve algumas comunidades e se tornou a maior promotora de comunicação da região, no sentido de dar visibilidade ao lugar e atrair visitantes e investimentos. É, antes de tudo, para a comunidade, um momento único de realização pessoal e afirmação de laços identitários com o lugar, uma vez que existe um objetivo comum entre os moradores: preparar e realizar as festas: é a comunidade quem produz a alimentação, a construção de fornos, especificamente para o festejo, as tochas, os instrumentos musicais, como os pandeiros, as caixas (tambores), a viola, as roupas das taieiras, além de se reunirem para oferecer o pouso e alimentação dos foliões.

As festas seguem os ritos da igreja católica mas agrega o empenho da comunidade em geral, induzindo um momento de trocas simbólicas únicas entre seus membros. Os líderes de opinião podem ser identificados nos festejos estudados como os promotores da folia, o Imperador a Imperatriz, o Rei e a Rainha e principalmente os foliões, figuras bem recebidas e que transmitem o ideal de compromisso como portadores das graças pedidas aos santos. Nos festejos juninos de Príncipe parte dessas figuras também aparecem sob dimensão simbólica importante para a identificação da comunidade com a festa.

No São João de Príncipe, as figuras do imperador, da imperatriz, do Capitão do Mastro e da rainha são mais do que isso, elas são símbolos da própria identidade do

lugar. Ano a ano a comunidade se inspira e a eles se referem como símbolos da festa, honra suas posições como forma de perpetuamento da tradição.

Nesse momento, entendemos que as figuras representativas das festas, como imperador, capitão do mastro e foliões, atuam como símbolos que comunicam a importância da tradição e dos laços identitários para os demais membros da comunidade.

E considerando que Beltrão (2004, p. 61-62) ainda comenta sobre a relevância da participação das “elites” nas medidas alternativas para incluir as parcelas marginalizadas na sociedade, as festas estudadas comportam um peculiar envolvimento popular, em que por um momento, qualquer indivíduo pode concorrer a representar sua comunidade como folião, capitão do mastro ou rainha.

Embora essas figuras sejam substituídas ano a ano, o posto prestigiado que ocupam nas festas comunicam esse sentido de solidariedade, de vínculos. Por exemplo, os foliões da Folia do Divino acabam exercendo o papel de líderes de opinião sobre as pessoas que eles encontram nas comunidades rurais, concretizando o processo de uma comunicação dialógica e interpessoal, que se dá no momento dos ritos. Os foliões e demais figuras também são vistos como os divulgadores da tradição e da comunidade, portadores da visibilidade do lugar, não como pessoas individuais, mas como representantes de um grupo.

As festas de Príncipe e de Monte do Carmo representam parte de uma cultura tocantinense em sedimentação, com suas reconfigurações e representações específicas que surgem nas comunidades rurais e apresentam formas de sociabilidade e visibilidade de seu povo.

Referências Bibliográficas

ALVES, N. G.. **Elos perdidos**. Monte do Carmo:[s.n], 2009.

BELTRÃO, L.. *Comunicação popular e Região no Brasil*. In.: **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2004, p. 57 – 72.

_____. **Um estudo dos agentes e dos meios de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENJAMIN, R. E. C. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa, Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2000.



BRANDÃO, C. R. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LUYTEN, J. *Conceito de Folkcomunicação*. In.: QUEIROZ E SILVA, Roberto P. de. (org). **Temas básicos em Comunicação**. São Paulo, Paulinas/Intercom, 1983, p. 32-34

MARÇAL, D. C; CARACRISTI, M. F. de A; MENESES, D. D.. *A folkcomunicação nos festejos de Monte do Carmo/TO*. XIV CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO, Juiz de Fora, 2011.

MELO, J. M. de M. *Taxionomia da Folkcomunicação: gêneros, formatos e tipos*. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação- Anais 2005. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

_____. *Introdução à Folkcomunicação. Gêneses, paradigmas e tendências*. In: **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

MESSIAS, N. C. Negros e Brancos em Monte do Carmo(TO): **Manifestações culturais e Religiosidade**. Disponível em: http://www.ufg.br/this2/uploads/files/112/36_NoeciMessias_NegrosEBrancosEmMonteDoCarmo.pdf. Acesso em: 15/06/2010.

SCHMIDT, C. (org). **Folkcomunicação na arena global: avanços Teóricos e Metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006.

_____. *Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina*. 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/bibliocom/zero/pdf/schmidt.pdf>> Acesso em: 14/01/2010.

SODRÉ, N. W.. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1988.

TRIGUEIRO, O. M. *O anúncio dos milagres: o ex-voto como processo de folkcomunicação*. Jul.2005. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2005/38-O%20an%C3%Bancio%20dos%20milagres.pdf>>. Acesso em: 30/02/2010.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In.: SILVA, Tomaz Tadeu. (org). **Identidades e diferenças. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

